

## CAROLINA E ESMERALDA: UM DOLOROSO CAMINHO EM COMUM

Raffaella Andréa FERNANDEZ<sup>1</sup>  
Célia Aparecida Ferreira TOLENTINO<sup>2</sup>

### RESUMO

A partir dos relatos da sua vida publicados no diário de Carolina Maria de Jesus intitulado *Quarto de despejo* (1960) e na trajetória da “ex-menina de rua” de Esmeralda do Carmo Ortiz publicado no livro *Esmeralda- porque não dancei?* (2000), observamos aspectos comuns da narrativa dessas autoras no que se refere ao modo de vida dessas mulheres situadas à margem da margem na sociedade brasileira. Em ambos os relatos, a São Paulo dos excluídos se faz presente mostrando que os cinquenta anos que separam uma história da outra não foram suficientes para transformar os problemas de violência, preconceito e miséria do capitalismo brasileiro.

**PALAVRAS CHAVE:** Narrador marginal; Expressões da pobreza; Imagem; Temporalidade.

### VOZES DA EXCLUSÃO: A LINGUAGEM MARGINAL EM GRITOS

– *É verdade que você come o que encontra no lixo?*  
– *O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os animais.*  
(Carolina de Jesus, *Quarto de despejo*)

Carolina Maria de Jesus escreve seu diário nos anos 50, foi moradora da favela do Canindé às margens do rio Tiête; negra e pobre, foi mãe solteira com três filhos para criar. Totalmente sem recursos, sobrevive do que encontra nas lixeiras e o que consegue através de esmolas. Seu mérito está na voracidade com que apreende seu cotidiano de miserabilidade e nele fixa a crítica dos problemas sociais que sofre. Mulher de valores tradicionais de uma cultura rural, veio do interior de Minas Gerais para a Capital paulistana com a esperança de melhorar seu padrão de vida. Em 1958, foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que ajudou na publicação de seu diário, gênero que naqueles anos faria grandes sucessos inclusive nos Estados Unidos e em outros países por se tratar de uma voz

---

<sup>1</sup> Curso de Ciências Sociais. Bolsista CNPq.

<sup>2</sup> Departamento de Sociologia e Antropologia. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP/Campus de Marília.

expressiva da contradição existente no processo industrial do Brasil que começava a industrializar-se e urbanizar-se efetivamente.

Com uma distância de quatro décadas, a vida de Esmeralda do Carmo Ortiz não se diferencia de Carolina no tocante à pobreza. Essa adolescente paulistana dos anos 90, hoje trabalha num projeto sócio-educativo (o mesmo que a retirou das ruas) voltado para crianças em situação de risco. Como Carolina, também viveu em uma favela paulistana na Vila Nova Cachoeirinha e, não suportando a violência doméstica a que era vítima, fugiu de casa aos nove anos de idade, ficando na rua até os dezoito. Neste período foi viciada em crack, acabando por roubar para se adequar às leis da rua. Após muitas tentativas de recuperação, finalmente se apóia no projeto Cidade-Escola Aprendiz, deixando de viver entre a rua e a Febem. Esmeralda decide escrever o seu livro a fim de “organizar” os acontecimentos de sua vida, o que, segundo ela, iria contribuir para a sua recuperação. Com a ajuda de seus educadores e a coordenação de Gilberto Dimenstein, publicou *Esmeralda porque não dancei*. Hoje trabalha e mora sozinha e afirma ter inúmeros sonhos que pretende realizar através do seu esforço pessoal.

Em ambos os relatos, estamos trabalhando com a categoria de narrador marginal, aquele que pode ser pensado na perspectiva de “realismo feroz” de Candido (1976). Isto é, como uma expressão que corresponde a uma literatura da era da violência urbana, da marginalidade social e econômica, do narrador que, saindo das páginas policiais dos jornais, permitirá a análise e o entendimento de uma história do pensamento social brasileiro de quem se manteve e se mantém à beira da exclusão social. Será sob esse viés que levaremos em consideração o tratamento dado por nossas autoras ao universo em que transitam. Um dos críticos da obra de Carolina, Meihy (1994), observou que em seu tempo – talvez seja assim nos dias de hoje – na autora foi considerada pelos acadêmicos “como produção das classes subalternas”, “escritos dos grupos oprimidos”, subliteratura”. Mas, talvez se possa dizer que, para além desse estigma de diminuição atribuído ao escritor marginal ou das classes populares, sua literatura foi e tem sido recebida com uma certa dificuldade justamente por se tratar de uma representação da labuta dos pobres, da expressão de uma cultura periférica, a antítese do progresso e do desenvolvimento que ninguém queria ver. Ainda hoje ocorre algo parecido com esta chamada literatura marginal como revela as obras de Esmeralda, Ferrez, Sergio Vaz, Buzo, entre outros. Entretanto, para nossa análise, essa expressão periférica representa a possibilidade de uma análise sociológica, justamente porque observa “de dentro” a vida, a sociabilidade, os sentidos e

sentimentos dos setores excluídos, quase sempre expressados a partir de grandes categorias como massa, povo, lumpen, exército de reserva etc.

## **A COR DA POBREZA**

‘Dizem que o Brasil já foi bom. Mas eu não sou da época do Brasil bom. ...Hoje eu fui me olhar no espelho. Fiquei horrorizada. O meu rosto é quase igual ao de minha saudosa mãe. E estou sem dente. Magra. Pudera! O medo de morrer de fome! ( Carolina Maria de Jesus).

Carolina Maria de Jesus representa a voz daqueles indivíduos situados no quadro da lógica capitalista de exploração do trabalho, esta que nos anos 50 já havia marcado o território e substituído o trabalho humano pelo da máquina. Afinal, fazia parte de um projeto de Brasil que iniciava a sua industrialização e a substituição da mão de obra no campo, num contexto de desentrelaçamento do atraso brasileiro, quando o binômio Crescimento/Pobreza se aprofunda, mostrando as nossas desigualdades mais acirradamente, sobretudo na cidade de São Paulo.

Já em 1947, Carolina residia na favela e disputava lugar na mendicância dos desvalidos do progresso brasileiro e de seus projetos de desenvolvimento. Ainda neste período, a cidade era marcada pela definição ocorrida no século XX: os bairros de elite nas partes mais altas, os bairros operários próximos às fábricas, e aqueles habitados pela população ‘sobrante’, expressão essa utilizada por Fausto (1991), formados pelos ex - escravos e seus descendentes que sobreviviam do trabalho intelectual, do biscate e subemprego.

Para Gorender (1991) os negros foram os mais afetados pelo processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro. Se tomarmos as estatísticas e as histórias de Carolina e Esmeralda, veremos que esta característica tem projeção ainda nos dias de hoje. Dados do IBGE, de 1980, trazem indicativos de que a mulher negra ainda estava à margem da margem, pois, dentro do quadro da pobreza a mulher negra é a mais atingida pela exclusão social. Segundo esses dados, 44,8% da população brasileira é formada por negros, dos quais 50% são mulheres. Entre essas mulheres negras, 48% não tem instrução ou contam no máximo com um ano de estudo. Em contrapartida, 24% das mulheres brancas encontram-se nessa mesma situação, 80% da mão de obra feminina negra está ocupada com trabalhos manuais. Assim, não é difícil relacionar o destino excludente ao fator étnico,

pois, tanto os dados da estatística como os relatos dessas autoras revelam esse aspecto da cor da exclusão brasileira. Um dado que se torna evidente quando nos deparamos nas ruas do centro da cidade de São Paulo com tantas Carolinas revirando as lixeiras a procura de algo que a liberte do “monstro amarelo da fome”, como dizia a nossa autora dos anos 50, como tantas Esmeraldas a procura de uma “pedra” de Crack para esquecer o frio e do vazio no estômago.

É interessante notar, portanto, que nem sempre a pobreza brasileira foi tratada do mesmo modo. Menos ainda a situação delas decorrentes. A violência e a pobreza, no tempo de Carolina, foi entendida como coisa do desajuste social, dos problemas que seriam superados com a implantação do progresso. O progresso não vem mais reclamado como meio para diminuir a violência como podemos ver a partir do próprio relato de Esmeralda. Com ela veremos que a industrialização, o “progresso” brasileiro implantou uma lógica ainda mais atroz a da violência urbana, entendida como uma das expressões da pobreza. Para Florestan Fernandes (1965), a criminalidade no “meio negro” é inerente ao processo de pauperização e anomia social sustentados pela dinâmica desorganizadora das estruturas primordiais das relações humanas e sociais a que a população afro-descendente foi submetida no Brasil.

Aspectos dessa forma da violência são narrados por Carolina contando as brigas entre as famílias dos moradores da favela, bem como a criminalidade que, segundo ela, dominava o comportamento dos jovens:

[...] Durante o dia, os jovens de 15 e 18 anos sentam na grama e falam de roubo. E já tentaram assaltar o empório do senhor Raymundo Guello. E ficou carimbado com uma bala. O assalto teve início as quatro horas. Quando o dia clareou as crianças catava dinheiro na rua e no capinzal. Teve criança que catou vinte cruzeiros em moeda. E sorria exibindo o dinheiro. Mas o juiz foi severo. Castigou impiedosamente. (JESUS, 1960, p. 23).

Esses indicativos descritos por Carolina estavam presentes na narrativa de Esmeralda, por exemplo quando relata a terrível situação da criança que cresce em meio a uma destas famílias das quais falava Carolina, no âmbito da violência doméstica. Não seria a única forma que conheceria: para fugir dos maus tratos na própria casa fugiria e conheceria a brutal violência nas ruas. Sobre a sua mãe escreve:

Em casa, minha mãe me batia. Batia muito. Quando estava bêbada e quando estava sóbria. O álcool fazia ela ter problemas de nervos. Eu me lembro que quando estava sã ela ficava tremendo. Era muito louco. Ela esperava agente dormir e batia em nós com um pedaço de pau, tacava objetos as vezes cutucava com bituca de cigarros. (ORTIZ, 2000, p. 24).

No relato dessa jovem sua mãe aparece como figura depositária de todo seu fracasso, pois sua mãe sempre estava bêbada e costumava espancar os filhos por qualquer ou nenhum motivo. Vítima de abuso sexual por seu padrasto, passaria a sentir mais nojo e raiva de sua casa, o que a faria fugir na primeira oportunidade. Na praça da Sé iria conhecer outras formas de violência, desde aquela do Estado, através da Febem e da polícia, além de outros estupros e códigos de agressão articulados pelas leis das ruas. Com uma família desestruturada e sem vislumbrar uma possibilidade de melhorar de vida, essa jovem, durante o tempo que esteve nas ruas, acaba por reproduzir as atrocidades a que era submetida.

### TEMPOS DA ESCRITA DA MISÉRIA<sup>3</sup>

*O livro me fez ver de onde eu vim e ,se eu voltar a usar droga pra onde eu volto.  
(Esmeralda do Carmo Ortiz).*

Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver.

Mas quem manifesta o que sofre é só eu.

Eu faço isso em prol dos outros. (Carolina Maria deJesus)

No dia 7 de Junho de 1958 Carolina registra em seu diário o que para ela significava o estado de marginalidade:

[...] Nós somos pobres, vivemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando a beira do rio, perto dos lixos, os homens desempregados substituíram os corvos. (JESUS, 1960, p. 55).

Quando Carolina diz “gente da favela é considerado marginais”, nos dá mostra um imaginário social mantido em nossos dias, quando lemos em Esmeralda que as pessoas se sentem ameaçadas pelos meninos de rua, “saíam correndo, com medo de eu roubar as bolsas delas”. Um imaginário que aparece no mais conhecido dicionário brasileiro, o “Aurélio”, segundo qual o marginal é “aquele que vive fora do âmbito da sociedade da lei,

---

<sup>3</sup> Difíceis estes “tempos da escrita da miséria”, citado por Carlos S. B. Meiry e Robert Levine em *Meu estranho diário* (Jesus,1994:298).

como vagabundo, mendigo ou delinqüente, fora da lei”. No entanto essa idéia não cabe na interpretação da realidade destas autoras no campo efetivo das ações, pois a trajetória histórica da condição da mulher negra e pobre nos mostra que o (a) marginal sempre foi aquele (a) deixado em segundo plano pela sociedade, discriminado e usurpado dos seus direitos básicos. Para Carolina, a marginalidade era um resultado, a margem mesma no Tietê, um local para onde expulsavam, ou melhor, para onde eram jogados, o lugar onde se depositava o que não servia para a sociedade, era o quarto de despejo da casa da sociedade paulistana: “ó que está no quarto de despejo ou qu eima-se ou joga-se no lixo” e ainda dizia que o Serviço Social se propunha a “reajustar os desajustados”, mas, “não toma conhecimento da existência infausta dos marginais”. Numa clássica passagem e ela descreve o espaço da cidade de São Paulo como a lógica de uma casa de classe alta da década de 50 e nessa casa reconhecia o seu lugar:

[...] As oito e meia da noite eu já estava na favela respirando o odor dos excrementos que mescla com o barro.

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludos, almofadas de cedem. E quando estou na favela tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 1960, p. 37).

Daí o título do seu diário *Quarto de despejo*, onde Carolina afirma que para viver num lugar assim, como a favela, só porcos “isto aqui é o chiqueiro de São Paulo”. Na mesma situação de precariedade, falta de saneamento, falta de recursos alimentícios, em vias do século XXI, encontramos Esmeralda descrevendo condições parecidas, se não idênticas, às de Carolina:

A casa onde eu nasci era um barraco, um grande barraco, ela ainda existe, mais não do mesmo jeito (...) do que eu me lembro o barraco devia ter uns quinze passos pra cá, uns oito pra lá, quinze por oito, tinha uma cama e acho que nem televisão tinha. Era um lugar sujo, tinha até rato, não era um lugar adequado para uma criança nascer, eu acho, mais fazer o que? (ORTIZ, 2000, p. 26).

Esmeralda descreve seu barraco como um lugar impróprio ao convívio e totalmente desestruturado, além das relações entre os parentes que segundo ela eram todos alcoólatras. Sua mãe era muito agressiva seu padrasto foi o algoz-estuprador. Carolina tinha uma relação tranqüila com seus filhos e pregava a educação, mas quando fala da relação com

seus vizinhos sua narrativa se assemelha a de Esmeralda, pois segundo ela os favelados eram “mal educados, bêbados e barulhentos”, os barracos ficavam enfileirados e eram separados por pedaços de pau, tudo era escutado, mesmo as intimidades que não eram novidade nem para as crianças, dizia “quem vive na favela deve procurar isolar-se”, pois os favelados não tinham educação e “degeneravam” o caráter das crianças. Carolina demonstra como determinadas dificuldades eram próprias da rotina dos favelados:

Levantei de manhã triste por que estava chovendo. (...) o barraco está numa desordem horrível. É que eu não tenho sabão para lavar as louças. Digo louça por hábito. Mas é as latas. Se tivesse sabão eu lavava as roupas. Eu não sou desmazelada. Se ando suja é devido a reviravolta de um favelado. Cheguei a conclusão de quem não tem de ir pro céu, não tem que olhar para cima. É igual a nós que não gostamos da favela, mas somos obrigados a residir na favela. (JESUS, 1960, p. 43).

Às vezes Carolina é mais contundente ao protestar contra suas condições como quando observa que a fome servia de ‘juiz’ e era ‘professora’. Numa passagem mostra -se indignada com um transeunte que a reprova pela sua sujeira e escreve: “deveria andar com um cartaz nas costas: se estou suja é porque não tenho sabão” ou como já havia antes afirmado “quem trabalha assim como eu tem que feder”.

Mas, nem sempre essa clareza e em outros momentos advoga contra si mesmo como quando acreditava que a favela iria acabar, pois no Brasil e, especialmente em São Paulo do progresso, não existiria lugar para os “vagabundos”. Ao que parece as idéias populistas junto as máximas do trabalho que nossa autora tanto prezava e acreditava, souberam arraigar idéias alheias a sua própria realidade. Era parte do povo oprimido que chegaria a crer que a idéia progressista do moderno iria resultar no fim da favela, no “fim dos desocupados” do não trabalho, pois o progresso significaria emprego para todos. Contudo, a inexorável vida de Esmeralda venho para nos fornecer as respostas à ilusão de Carolina. Seu relato situado na década de 80 e 90 mostra uma mulher pobre e negra que também esmolava nas ruas e vivia das sobras dos lixos, não tinha água encanada e seu fogão também era a lenha no barraco. O futuro promissor aqui seria outro, já no auge do progresso técnico científico de um mundo globalizado, do mercado financeiro que prometia direcionar uma revolução de condições dignas de vida para todos e fez falhar os seus lemas. A realidade de vida de Esmeralda mostra que o progresso estava destinado a outros caminhos e não ao dos pobres:

[...] Na cozinha tinha umas panelas que eram pretas por causa do fogão a lenha, um fogão improvisado e típico da família, pois quase todos usavam esses fogões porque não tinham condições de comprar um a gás. Esse fogão era feito de uma lata grande de óleo. Mas o chique era pegar o fogão velho na rua, tirar a tampa de cima e os queimadores e deixar só a carcaça, depois a gente abriu o forno e deixava a tampa aberta, colocava as lenhas e botava fogo. O ruim é que a casa ficava preta e fedendo a fumaça, mas que a comida saia boa saía. (ORTIZ , 2000, p. 28).

Em sua descrição, Esmeralda demonstra que as condições da pobreza se mantêm para a mulher pobre e negra. Se observarmos a trajetória de sua vida ela aparece de um modo muito semelhante a de Carolina, ao que concerne as condições sociais e econômicas. Como vimos, ambas cozinhavam em fogão a lenha, moravam em barracos e viviam do que era encontrado nos depósitos de lixos, roupas, brinquedos e até comida, correndo o risco de pegar alguma doença no meio de toda aquela diversidade dos restos, inclusive de hospitais, porém como diria Carolina o custo de vida obrigava a não ter nojo de nada e o tinha estômago de “avestruz”.

Quanto ao futuro, as duas escritoras não respondem a suas mazelas com soluções mais amplas, elas apenas sugerem desejos mais imediatos como nascer num lugar decente e comer o suficiente de forma digna, essas são as necessidades comuns de nossa sociedade tipicamente burguesa, no se analisado de um modo mais profundo acaba por revelar um ideal de consumo que transcende a realidade delas, tanto quando Esmeralda diz que roubava para “comprar uma roupa legal e um tênis de marca” como quando Carolina descreve seu sonho de “usar roupas de alto preço”. O interessante é notar como a trajetória de nossa autora de *Quarto de despejo* irá desembocar na total decepção desses valores, num outro trabalho intitulado *Na casa de alvenaria*, ela já morando em uma casa de tijolos, fora da favela, descreve todos tipos de preconceito sofridos por ela e seus filhos, uma vez que mesmo saindo da sua condição de favelada, carrega consigo o estigma de pobre, mãe solteira e negra. Não se identificando mais com essas necessidades propriamente urbanas e podendo compreender de um maneira mais próxima as opressões que a cercavam, Carolina retoma seus valores de mulher do campo e vai residir num sítio, onde permanece no esquecimento até a sua morte.

Esmeralda também mostra em seu livro que estes valores começariam a desmoronar quando refizesse sua trajetória através da sua psicanálise e compreendesse o lugar que ocupava na história de sua família e também na da metrópole paulistana. Hoje diz que é importante olhar as outras pessoas nos olhos, não sentir a rejeição de que já foi

vítima e ter uma casa com uma cama para dormir e chuveiro de água quente para tomar banho.

No dia 28 de Maio de 1959, Carolina deixou soar o que talvez seja o resumo de seu diário:

[...] A vida é igual um livro. Só depois de ter lido é que sabemos o que encerra. E nós quando estamos no fim da vida é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro. (JESUS,1960, p.160).

Desconfiando que esta é condições da miséria, Esmeralda tenta transformar a sua negritude em sua força, reafirmando-se, superando as barreiras que só agravam desde o tempo de Carolina:

Você é filha de bacana  
Sua mãe é invocada  
O seu pai é muito grosso  
Sua irmã não está com nada  
Se eu ficar com você  
Vou cair numa emboscada  
Seus parentes são muito nobres  
E eu sou filho de negrada  
(Esmeralda do Carmo Ortiz-Febem-5/8/95)

## REFERÊNCIAS

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 1994.

JESUS, C. M. de. *Meu estranho diário*. In: MEIHY, J. C .S. B.; LEVINE, R. M. (Org.). São Paulo: Xamã, 1996.

ORTIZ, E. do C. *Esmeralda- Porque não dancei*. In: DIMENSTEIN, Gilberto (Coord.). São Paulo: Senac/ São Paulo, 2000.

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERNANDEZ, F. *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da ‘raça branca’*. São Paulo: Dominius/USP, 1965.

FAUSTO, B. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GORENDER, J. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa por amostra de domicílios. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 12 fev. 2002.

KOWARICK, L. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEVINE, R.; BOM MEIHY, J. C. S. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

SOUZA, A. C. de M. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1976.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 2002.